/ realidade flutuante

O pulmão cheio, na urgência de soltar o ar:

Como escaparia alguém do que nunca se põe? Heráclito, o Estranho, foi embora deixando essa pergunta. Como fugir da realidade, se a própria fuga também se realiza?

No escape from reality.

Nossa única casa. E a ameaça insistente contra ela. Essa coisa desmedida que só perdura enquanto se transforma, a fonte inesgotável das estranhezas e o coração de toda familiaridade. O mel fresco e dourado da intimidade. As dez mil abelhas zunindo um hino de guerra nos tímpanos. O cheiro de pão e pele conhecida. O hálito agressivo dos desfigurados, dos irreconhecíveis que nos espreitam pelos vãos das portas e janelas. As forças que violam a segurança tridimensional desse palácio delirante, que em cada um de nós, por usucapião, se proclama como realidade própria: a minha. A nossa prisão perpétua sem exterior, cujas grades, nós, são também passagens infinitas para além dela mesma. No centro da colmeia, encravada como um dente no maxilar do ser, reina a convicção de sermos uma coisa individual, proprietária de si e autora de bilhões de pensamentos originais. A verdade que mais nos engana.

Onde, exatamente, termina a minha realidade e começa a sua? Na pele? Na retina? No crânio? Em que membrana cada uma se fecha? De que quitina são feitos seus contornos? Apostamos a pele, todos os dias, na solidez dessas fronteiras.

E se a realidade jamais alojasse uma existência em si mesma, individual e separadamente, mas só acontecesse onde relações e existências se fazem e desfazem juntas? Múltipla, vibrante, incessante, desdobrando-se por incontáveis lugares e tempos. Em grande parte incognoscível e, ainda assim, fonte única de tudo o que nos é familiar, de intimidade, compreensão, afeto e copertencimento. Situada naquela faixa crepuscular entre o que achamos que sabemos e o que nunca se sabe.

Não há total enraizamento. Acostumamo-nos ao mundo como quem se adapta a um quarto de hotel e, depois de três noites, começa a chamá-lo de casa. Aprendemos onde fica o interruptor, como ajustar a temperatura do chuveiro, mas há sempre um ruído suspeito atrás da parede, um cheiro errado vindo do duto do ar-condicionado, o gemido noturno do assoalho, o reflexo ligeiramente deformado no espelho torto do corredor. Somos cedo ou tarde surpreendidos por alteridades insurgentes que descolam o verniz da normalidade. Uma película frágil se rompe sem aviso, o aberrante se infiltra. O mundo está cheio dessas aberturas minúsculas e incomensuráveis, de rachaduras por onde vazam presenças do "outro lado".

O cinema conhece bem essa lógica da contaminação. Praia de Ipanema, meio-dia. O sol mordendo a pele, cheiro de bronzeador misturado ao suor, areia quente dos infernos. Tudo como deveria ser, ou quase isso. A trilha que esperamos, Claudinho & Buchecha, Paralamas, Anitta, de repente cede lugar a um canto gutural e sombrio, numa língua extinta, reverberando como terremoto dentro do crânio. A câmera desacelera. A música grave trilha a cena de uma pipoca caramelizada saltando dos dedinhos engordurados para dentro do sorriso de uma menina brincalhona. O canto cavernoso aumenta. Zoom lento no maiô pink com unicórnios fluorescentes, que brilha. O que se anuncia é a entrada de uma protagonista invisível: a desarmonia.

Como quando fitamos alguém nos olhos por tempo demais. Basta uma fração de segundo além do normal e algo se desloca. Irrompe uma presença imprópria, irreconhecível, de uma crueza intolerável que não deveria estar ali. Os olhos de quem amamos adquirem uma intensidade que não queremos ver. Se rimos, escapamos, e se não, o desconforto cresce como onda. Zoom nessa presença indesejada sobrevoando os campos floridos da ternura, como uma sobriedade inumana oriunda das funduras geológicas do rosto amado. O que é essa sideração que fascina pelo buraco negro dos olhos não sabemos responder, tampouco expressar o assombro que esvazia a cidade das palavras. O que sempre nos espreita do outro lado da pupila sem jamais nos pertencer? Não importa. De algum modo, selamos essa fenda no cano estourado da visão. O verniz da normalidade recebe uma nova demão tranquilizante, e tudo se recompõe por autocura. As rugas voltam a ter nome, a curva do sorriso reencontra seu lugar. A matéria do rosto amado volta a ser o colchão em que caímos de braços abertos, misericordiosamente seguros.

Freud interpretou essa tensão no (in)familiar, *Das Unheimliche* – o *heimlich* íntimo e caseiro que já carrega dentro de si o oculto, o secreto. Quando aquilo que deveria permanecer escondido vem à luz, a casa se estranha por dentro, algo fala com nossa voz, olha com nossos olhos, pensa com nossas palavras. Essa torção ganha uma formulação topológica na extimidade lacaniana: a alteridade que invade o canto mais íntimo da casa do eu constitui, meio paradoxalmente, a própria fundação do morar.

O amor tampouco oferece abrigo total contra os absurdos do mundo. Ainda assim, a fantasia da familiaridade absoluta insiste em criar um ninho murado e farpado onde tudo se resolveria com gestos cuidadosos e com as renúncias feitas em nome do bem familiar. No centro desse sonho, ou pesadelo, pulsa a velha obsessão por permanência e pureza. É o velho senhor que "se identifica" com a

parte branca do *yin-yang* e decide se fechar dentro da metade clara da gota. Sorri para quase todos na padaria, prepara aos domingos o cuscuz do clã e, enquanto alimenta a família, alimenta fantasias de controle. Rascunha o amor como trincheira perfumada contra o desconhecido, rodando um *loop* de sitcom, os episódios variando inofensivamente a mesma cena, e o *replay* amoroso jamais rompendo o contrato com a previsibilidade. Como se o tempo, o desejo, a graça e toda a parte gostosa da existência pudessem ser mantidos em conserva. Eu quero você sempre assim, só para mim (num potinho de formol). Ou o pior dos clássicos: você e eu somos um só, assim falava o lunático do bairro que habita nas gorduras do nosso peito, apavorado com tudo o que, no amor, é abertura e risco.

O amor não apenas ampara, o que é ótimo (e tedioso), ele também expõe e desprotege, o que é ótimo (e ameaçador). Essa antinomia não pode ser partida em metades moralmente convenientes. Não se guarda o "bom" e se descarta o "ruim", e quem se arrisca no que há de mais real no amor reencontra-o como um desmonta-identidades. Começa arrancando a roupa, depois a pele, a carne, os nervos, os ossos, os elétrons, até não restar nada de absolutamente consistente que se possa chamar, com nitidez plena, "eu" e "outro". A estrutura colapsa nesse yin-yang cinético, na lucidez atroz.

Ondas se entrelaçam numa dança de espirais e diamantes líquidos, belezas e fragilidades cintilantes de uma geometria viva e metamórfica, impossível de fixar ou apreender. Rigorosamente nada disso implica ausência de laço, alheamento e insulação – pelo contrário, a abertura é justamente vínculo. Esse é o cerne transingular do amor, a realização que nenhum dos vértices de uma relação seria capaz de fazer por si mesmo, trancado na cela do próprio nome.

Até aí, nada de novo para Heráclito. Ou tudo de novo para ele, que talvez continue zanzando por aí, flutuando e rindo de nossa tentativa ridícula de engarrafar o fluxo. Raramente desistimos de

domesticá-lo, e o fracasso é a parte mais previsível do processo. A fórmula surrada de Beckett recupera bem a ideia. *Try again. Fail again. Fail better.*

Passamos vontade de que o amor seja um conceito, um sentimento, ou qualquer coisa manejável e compreensível, mas "a melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada", escreveu Machado de Assis. *Love loves to love love*, James Joyce. Sempre que tentamos encerrá-lo nas *tupperwares* da intimidade violenta ou do entendimento soberano, alguma coisa se move, uma guinada na trama, uma torção de tabuleiro, uma transmutação dos fatos e das narrativas. E lá estamos outra vez, perplexos, na queixa, na angústia, na solidão, mastigando o mesmo capim amargo. Ou então, se fracassamos melhor, lá estamos explodidos como uma supernova, extasiados pelo vazio lúcido e renascente.

Um espelho de cumplicidade vertiginosa se abre no rosto amado, e ali descobrimos não apenas o reflexo mais íntimo da nossa própria estranheza, mas uma potência que nenhum conhecimento esgota, uma galeria de outros mundos para o mesmo rosto e de outros rostos para o mesmo mundo. Somos sugados, acolhidos, dissolvidos e expelidos para dentro, para fora e para além.

Meu amigo, isso é irreversível.

Se o amor se mantém inapropriado, e esse é o "se" mais perigoso e promissor da história, pode alcançar o sublime, a desproteção protegida de ser levado ao cosmos sinestésico de zilhões de sinos. O silêncio do vácuo infinito formigando no céu da sua boca, tudo aquilo que, pela lógica, deveria ser impossível. E, no entanto, aí está você novamente, o som, as vibrações, o impossível em pleno acontecimento. No limite do sem limite, o amor é a fragilidade máxima da força absoluta. O milagre cotidiano, que é mudo, sem dogma nem garantia.

A realidade ameaça o medo da realidade. São palavras de um poeta anônimo, pichadas no muro do cemitério da Consolação, ao lado de *amortesalva*.

— Então é isso. Não há realidade individual, singular ou própria.

— Discordo. Você pode até pensar dessa maneira, mas, na realidade...

Poucos enunciados irritam tanto quanto esse "mas, na realidade..." Ele produz sob a pele do rosto aquele inchaço pinicante da contrariedade, mesmo quando o interlocutor disfarça o sobressalto ou aceita docilmente a possibilidade de estar, mais uma vez, enganado. Talvez esse seja o destino de toda teoria sobre a vida, sobre o outro, sobre si, sobre a natureza indomável da realidade.

De um lado, a empáfia magnífica do professor Girafales, sumidade que admitia ter se enganado apenas uma vez na vida: quando pensou estar enganado. O erro do venerável mestre que, no dia seguinte, revela-se mais uma confirmação de sua infalibilidade. Do outro, a modéstia brutal de Philip Roth em *Pastoral americana*, propondo que a forma de sabermos que estamos vivos é estando errados. Outra formulação paradoxal porque, assumida como verdadeira, ela mesma se comprova errada. E, numa terceira margem, quando a lógica binária perde a primazia de pensar a realidade como puro registro da verdade contra toda contrariedade, vem a formulação antinômica de Niels Bohr: *o contrário de uma grande verdade pode ser outra grande verdade*. Como a enigmática dualidade partícula-onda, duas grandes verdades extremamente contraditórias da matéria, que ora aparece como partícula compacta, ora como onda propagada, sem ser, em si, nenhuma delas.

Luigi Pirandello, em *Um, nenhum e cem mil*: "a realidade de hoje está fadada a se revelar a ilusão de amanhã. E a vida não se ajusta. Não se pode ajustar. Se amanhã se ajustar, estará acabada". É um

jogo de não piscar contra um adversário sem pálpebras. Sentimos medo. Rimos. Seguimos em frente.

"Você acredita que seja assim, mas, na realidade..." Foi isso que, estruturalmente, Nietzsche disse ao cristianismo; Copérnico, a Ptolomeu; Galileu, à física aristotélica; Kepler, às órbitas circulares; Heisenberg, ao determinismo clássico; Bohr, a Einstein; e Einstein, a Bohr. Capitu a Bentinho, Brizola a Enéas, Enéas a Brizola, Nāgārjuna a qualquer um. E assim por diante, numa lista que só termina com a extinção da humanidade.

Novas percepções podem submeter universos simbólicos inteiros a revisões profundas, por meios que nem sempre compreendemos ou controlamos. Há sempre um golpe de revisão à espreita, alguma guinada capaz de abalar os alicerces do que tomávamos por certo.

É nessas horas que a palavra "realidade" assume seu sentido mais antipático, como impedimento, limite, impossibilidade, frustração. "A dor é outro nome para a realidade",[2] essa desmancha-prazeres número um, como também sugere a expressão "princípio de realidade" em Freud, que nomeia uma função de limitação fundamental do princípio do prazer.

Suponha agora que o desagradável poeta anônimo passe pela sua casa, atravesse as portas como um fantasma e deixe um bilhete na mesinha de centro, dizendo "Oi. Tenho uma revelação que causará a mais profunda desilusão da sua vida. Deixe a janela aberta caso a aceite; fechada, caso não". O coração talvez dispare, a pálpebra tremule sob um pequeno e incômodo *déjà vu*. Qualquer que seja a escolha, isso é inescapável, algo em você já estará entreaberto. Sentindo sopro e medo, potência e relutância, você e sua mão estarão suspensos a meio caminho do trinco.

Algo semelhante se passa nas sessões psicanalíticas. Cada analisando entra trazendo, dobrada num bolso interno que nem ele

2 Em *Solenoide* de Mircea Cărtărescu (2024, p. 133).

sabe possuir, a carta de um poeta anônimo. Contra a estagflação psíquica, essa imobilidade inflacionária do eu, um paciente encorajado afirma já na primeira sessão: "Eu não quero, mas preciso ser incomodado." Na semana seguinte, retorna contrariado, quieto e impenetrável como um cubo de inox. Por trás das paredes metálicas desse *firewall* humano, porém, roncam as caldeiras conservadoras, trabalhando sem descanso para manter tudo exatamente na mesma temperatura. O insaciável e aventureiro ímpeto de "mais realização" nunca vem sozinho, traz consigo embaraços e impotências. A esteira fica tensionada entre aquilo que nos ancora e aquilo que nos arrasta.

Como o sujeito ardendo de calor que hesita à beira da cachoeira. Vai e volta, ensaia e desiste, o corpo inteiro aflito com a iminência do choque térmico. A dor do calor. A dor do frio. A dor da passagem entre os estados. E, além delas, a tão humana dor da paralisação, da espera neurótica por um estado ideal e "insofrível", espera que já é, ela mesma, sofrimento.

Imagine que horror se tudo mudasse. Imagine que horror se nada mudasse. Não daria para mudar tudo sem mudar nada? Apenas degolar essa coisa estranha de mim, apagar o incêndio que lambe meus batentes e reforçar meus protetores auriculares, inúteis contra os berros da banshee?

A cada abertura assumida, a cada pane crítica da vida, passamos do familiar ao estranho e do estranho ao familiar. O código do mito, com seus inícios, meios e fins, surpreende muito menos do que a inteligência não dual da cena, em que a realidade flutua, oscila e renasce sem jamais ter nascido ou morrido. Teorias, doutrinas e algoritmos sofisticados fracassam ao tentar dominá-la. O empuxo ao vazio grita do fundo insondável das coisas. Sê-lo, como a garganta é o grito enquanto grita. A realidade daquilo que, justamente por já ser real, jamais se realiza de uma vez por todas.

Como seria bom calar a boca por um instante.

Não ser eu o mistério.